

ALFABETIZAÇÃO: DOS MÉTODOS TRADICIONAIS AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Josivaldo Albuquerque de Lira
Mestrando em Ciências da Educação - Unigrendal
josivaldofpb@gmail.com

Dr. Damião Carlos Freires de Azevedo
Orientador - *Unigrendal*
olscargeo@gmail.com

Resumo: Alfabetizar é a tarefa mais importante no processo de ensino e aprendizagem e não tem sido fácil para os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental exercê-la de forma eficaz. Neste contexto, evidenciamos muitos questionamentos sobre qual seria a maneira mais indicada para alfabetizar, criar alunos capazes de construir seu próprio conhecimento, ser participante e crítico na sociedade. O presente artigo discute o histórico das pesquisas na área de alfabetização e as diferentes formas, ao longo dos anos, de conceber a escrita e seus processos de aquisição pelas crianças. Buscando permitir a compreensão da discussão atual sobre a utilização dos conceitos de alfabetização e letramento, como também discute o papel do professor nos processos, de aprendizagem da língua. Trata-se de uma pesquisa teórico bibliográfica baseada em autores de questões relacionadas à alfabetização e ao campo educacional em geral, como Geraldi (1993), Moraes (1989) Soares (2003), Ferreiro (1995), Noronha e Ferreira (2000), Colello (2003), Ribeiro (2003), Leal (2005), Leite (2001), Kleimam (2005), Almeida (2010), Coelho e Pisione (2012) dentre outras publicações destinadas a formação de professores alfabetizadores que trazem reflexões significativas sobre os métodos de alfabetização e a compreensão da criança como um sujeito ativo capaz de participar ativamente do próprio processo de construção da aprendizagem da língua escrita. A temática deste artigo é muito relevante para a reflexão dos professores alfabetizadores, uma vez que se busca caracterizar aspectos relacionados à sistematização de práticas docentes de alfabetização em diversos momentos, demonstrando que cada mudança de rumos no pensamento sobre alfabetização acaba alterando também os modos de realizar o ato de alfabetizar.

Palavras-chaves: Alfabetização. Letramento. Escrita. Leitura. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, pensava-se que ser alfabetizado era conhecer as letras do alfabeto. Atualmente, sabe-se que, embora seja necessário, conhecer o código linguístico não é suficiente para o uso competente da língua escrita. A partir de tal entendimento, a palavra letramento vem sendo cada vez mais utilizada com o objetivo de inserir a criança numa cultura letrada, tal como a atual. Para tanto, a alfabetização é apenas um meio.

Muito se tem discutido sobre as incompreensões que envolvem o ensino da leitura e escrita no Brasil. Nos últimos anos os conceitos de alfabetização e letramento, bem como sua relação, caracterizam o debate.

O ensino da língua materna vem passando por profundas transformações, sobretudo pelo acolhimento das novas perspectivas das teorias linguísticas, sociolinguísticas e psicolinguísticas propaladas pelos meios acadêmicos.

Do mesmo modo, o entendimento sobre o processo de alfabetização também vem sendo ampliado e reformulado, em decorrência da divulgação das investigações da psicogênese da escrita e do letramento.

A partir dessa discussão devemos refletir sobre a grande responsabilidade da escola, que precisa alfabetizar e também garantir condições para desenvolver o letramento de todos os seus alunos. É de fundamental importância que, desde os anos iniciais, os alunos convivam com bons modelos de textos verbais e não verbais e sejam expostos aos mais diferentes gêneros literários para que possam refletir sobre as características específicas desses gêneros e internalizá-los.

Nesse contexto, alfabetizar para o letramento é tarefa fundamental a ser desempenhada pela escola, pois aprender a ler e escrever e fazer uso dessas habilidades constitui-se como condição para a educação plena do indivíduo, como instrumento importante para a realização pessoal e exercício da cidadania.

Justifica-se a pesquisa, pois, embora muito se tenha falado e escrito a respeito da importância da leitura na escola, sabe-se que muitas crianças que frequentam o ensino fundamental mal sabem ler e interpretar um texto.

Neste trabalho procuramos abordar os métodos e processos de alfabetização, buscando localizar os pressupostos metodológicos para que possamos identificar as práticas construídas ao longo dos tempos, conhecer as propostas mais atuais e que representam melhores resultados para os alunos.

No sentido de repensar os princípios, soluções e problemas que os métodos carregam ao longo da árdua tarefa de alfabetizar, esse texto se organiza em torno dos seguintes objetivos: discutir os métodos de alfabetização, suas especificidades ao longo dos anos, de conceber a escrita e seus processos de aquisição pelas crianças e analisar aspectos atuais sobre a utilização dos conceitos de alfabetização e letramento.

A temática deste artigo é muito relevante para a reflexão dos professores alfabetizadores, uma vez que se busca caracterizar aspectos relacionados à sistematização de práticas docentes de alfabetização em diversos momentos, demonstrando que cada mudança de rumos no pensamento sobre alfabetização acaba alterando também os modos de realizar o ato de alfabetizar.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: RELEXÕES E PRÁTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

O processo de alfabetização implica a descoberta do princípio alfabético, o segredo do funcionamento do código, que reside nas correspondências entre grafemas e fonemas. Além disso, implica um trabalho cognitivo permanente, que leva à identificação e correção das discordâncias entre o que é esperado e o que é percebido. Sendo assim Soares (2010, p. 35) afirmar que: "A alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento".

Nesses termos, é necessário rever o conceito de alfabetização não o considerando, apenas, como aquisição da capacidade de decodificação de textos escritos. A ampliação dessa prática requer investimentos nos cursos de formação docente para que não ocorram os processos de distorção das novas propostas de inovação que visam à melhoria na formação de leitores competentes e atuantes nos mais diversos contextos sociais.

A apropriação da escrita alfabética (ou seja, o processo de alfabetização) promove no educando o seu desenvolvimento quanto as habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos, assim, faz-se necessário que aconteça um ensino voltado tanto a leitura quanto a escrita no processo de alfabetização.

Segundo Almeida (2010) a alfabetização pode ser:

Alfabetização é a ação de alfabetizar, de ensinar a ler e escrever, mas é também o resultado desse ensino, ou seja, é a apropriação do sistema de escrita alfabético por aquele que foi alfabetizado. Nesse contexto, alfabetizado é o sujeito que aprendeu a ler e escrever. Por sua vez, alfabetizar é um processo complexo e não apresenta uma única definição. Segundo o dicionário Aurélio, alfabetizar é ensinar a ler e escrever; dar instrução primária. Para Soares (2003), "alfabetizar significa adquirir habilidades de decodificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler)". A alfabetização, por essa visão seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler) (ALMEIDA, 2010, p. 18)

Neste sentido torna-se relevante salutar que, os processos e conceitos de alfabetização foram se modificando ao longo dos anos, cada época de nossa sociedade conceituou e revelou nova necessidade do que conduz o aprendizado e a maneira de se ensinar, vejamos que neste sentido, são discutidos ao longo dos anos os métodos de alfabetização, como fontes de compreender o processo de desenvolvimento da escrita e da leitura do educando.

De forma bem clara os métodos de ensino mais difundidos em nosso País são os métodos sintéticos; métodos analíticos e métodos analítico-sintéticos. Considerando que nenhum deles está obstante de nossas realidades encontradas em salas de aula por todo o país, nada melhor que compreender o mundo ao entorno da alfabetização se não destrinchando cada um desses métodos.

O método sintético consiste em:

Os métodos sintéticos são os métodos que prevêm o início da aprendizagem a partir dos elementos estruturalmente “mais simples”, isto é, letras, fonemas ou sílabas, que, através de sucessivas ligações, levam os aprendizes a ler palavras, frases e textos. Ou seja, parte-se das unidades menores (letras, fonemas ou sílabas) para passar a analisar unidades maiores (palavras, frases, textos). (LEAL, 2005, p. 19)

De maneira geral, pode-se dizer que o método sintético é considerado um dos mais rápidos métodos de alfabetizar, em que consiste na correspondência ente o oral e o escrito, entre o som e a grafia, dessa forma, o método sintético estrutura-se dentro da teoria do behaviorismo, que insiste nessas correspondências. Inicia-se o processo de alfabetização dos graus mais simples percorrendo até o mais complexo, ou seja, no sintético o sistema de ensino inicia-se das partes para a formação do todo.

Em termos gerais, inicia-se com o domínio do alfabeto (letra por letra), para só daí partir para a construção das sílabas, das palavras, das frases e enfim da construção dos textos.

Já o método analítico, que consiste no ensino que parte da palavra para o todo pode ser, de acordo com a mesma autora:

Os métodos analíticos são aqueles que propõem um ensino que parte das unidades significativas da linguagem, isto é, palavras, frases ou pequenos textos, para depois conduzir análise das partes menores que as constituem (letras e sílabas). Como salientam ROAZZI, LEAL e CARVALHO (1996, p. 9). A análise das unidades mais simples e elementares das palavras não é feita fora do significado que estas partes contribuem para formar. Estes métodos se fundamentam no fato de que os mecanismos formais da leitura não são necessários nas fases iniciais, podendo até tornarem-se um obstáculo. Nessa abordagem, concebe-se que a habilidade da criança em extrair o sentido do mundo da escrita implicitamente a capacitará a utilizar seus mecanismos. (LEAL, 2005, p. 21).

No método analítico a palavra é a chave do processo de alfabetização, em que deverá ser analisada, para se descobrir sua inserção em frases, textos e contextos variados, fazendo comparações com outras palavras que revelem significados diferentes, mas que carreguem a mesma consistência fônica e escrita.

O método analítico é constituído pela leitura da palavra pela palavra, ou seja, pelo método da palavração. Assim, a criança tem que compreender o sentido de um texto, não ensinando ao aluno a leitura através do método de silabação, mas sim, incentivando a produção de textos levando em consideração a atenção do aluno ao uso das pontuações, exercitando o costume a leitura.

E por fim o método analítico-sintético trabalha com a abordagem de experiências da linguagem, bem como pode-se descrever abaixo:

Os métodos analítico-sintéticos partem de um processo que começa em um estágio de conhecimento global (palavras, frases, textos), para, logo em seguida, passar a um estágio analítico-sintético, caracterizado pela decomposição das palavras em letras ou em sílabas. Roazzi, Leal e Carvalho (1996, 13-14) [...] Na prática, é necessário que sejam escolhidas algumas palavras, frases ou textos simples, cuja análise, comparação e síntese, praticadas simultaneamente desde o começo, devem fazer conhecer à criança, na sucessão desejada, os elementos da língua que lhe permitem aprender o mecanismo da leitura (LEAL, 2005, p. 24-25)

Apesar de todas essas concepções sobre os métodos e os seus conceitos, com o passar dos anos, os métodos passaram a ser considerados formas de ensino em desuso, configurando profundas mudanças nas concepções de alfabetização (SOARES, 2010). Essas críticas e novas formas de ensino com relação a alfabetização são resultados da crítica aos métodos de alfabetização que são protagonizada pelos discursos didático-pedagógico que surgiram ao longo dos anos.

Assim, para preencher as lacunas existentes no campo da alfabetização, o trabalho com os aspectos da consciência fonológica, por exemplo, na consolidação do processo de alfabetização tornam-se imprescindível. Segundo Morais (1989, p. 01), a Consciência Fonológica ou Metafonologia é definida como:

[...] habilidade metalinguística de representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala. A Consciência Fonológica consiste no conhecimento consciente dos sons (fonemas) que compõem as palavras ouvidas e enunciadas. A priori, essa habilidade leva o alfabetizando à segmentação de seqüências fonológicas e ortográficas para, posteriormente, compreender o enunciado escrito.

O tema que envolve a consciência fonológica parece estar ainda, muito distante nas metodologias de ensino dos professores alfabetizadores; isso é evidente quando se observa alunos com déficit de leitura e escrita em séries mais avançadas do ensino fundamental e até mesmo no Ensino Médio.

Dessa forma, as novas propostas didáticas devem ampliar o leque da metafonologia, uma vez que alfabetizar é uma tarefa difícil e requer dos profissionais dessa área um vasto conhecimento de estratégias que favoreçam o sucesso desse processo. Para isso, é tarefa docente conhecer a realidade dos alunos para tentar compreender as dificuldades de aprendizagem e elaborar planos de aula que contemplem a heterogeneidade sociocultural de cada aprendiz.

Assim como todas as mudanças de métodos inovadores, esse panorama acarreta até nos dias atuais distorções nessa área de ensino. Supõe-se, na maioria dos casos a valorização reflexiva sobre a língua na perspectiva da psicogênese da língua escrita proposta por Ferreiro.

Os encaminhamentos didáticos sugeridos pelo atual programa de alfabetização vigente no Brasil o PNAIC - Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa destaca que os princípios norteadores da tarefa de alfabetizar deve se fazer mediante cinco eixos estruturantes, a saber: compreensão e valorização da cultura escrita, apropriação do sistema de escrita alfabética, leitura, produção escrita e oralidade, baseados nos princípios de alfabetizar e letrar.

Nos dias atuais, mesmo mediante os programas de formação continuada o professor muitas vezes não trabalha em sala de aula atividades dinâmicas com seus alunos, coloca sempre em primeiro plano a teoria que requer uma prática mais elaborada do trabalho do professor, sem nenhum tipo de interação entre aluno e professor, apenas repassando os conhecimentos o que muitas das vezes leva ao fracasso da alfabetização.

Deste modo, o aprendizado pode até ser efetivado, mas, com certeza um pouco mais demorado, ao contrário dos assuntos que são passados através das atividades que contemplem a leitura e a escrita dentro da sala de aula, de forma significativa, estes assuntos são mais facilmente entendidos pelos alunos e causam certa facilidade na hora da aprendizagem, visando a aprendizagem efetiva do aluno, pois o letramento nos anos iniciais é de extrema importância, pois visa a formação do cidadão leitor e formador de atitudes.

Há uma infinidade de recursos que o professor pode utilizar para o desenvolvimento dos alunos quanto a alfabetização, levando em consideração as novas metodologias, tais como: músicas, vídeos, a elaboração de peças teatrais, leitura de textos inspirados em filmes, contos ou parlendas, dentre muitas outras, basta apenas selecionar a que melhor se encaixa no perfil do alunado e na dinâmica que deve ser executada, tudo isto visando a aprendizagem dos processos de habilidades de leitura e escrita.

O trabalho de alfabetização deve possibilita aos educandos outras práticas fundamentais para a ampliação da cultura grafocentrica, em uma sociedade cada vez mais letrada. De acordo com os PCN's (1998), as atividades de produção textual em sala de aula devem seguir quatro critérios básicos: finalidade, especificação do gênero, lugar de circulação e interlocutores determinados. Bem como os estudos da psicogênese da língua abordam as questões que devem ser importantes no processo de alfabetização e letramento da criança nos anos iniciais.

Se, no início da década de 80, os estudos acerca da psicogênese da língua escrita trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização, longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação lingüística; os anos que se seguiram, com a emergência dos estudos sobre o letramento, foram igualmente férteis na compreensão da dimensão sócio-cultural da língua escrita e de seu aprendizado. Em estreita sintonia, ambos os movimentos, nas suas vertentes teórico-conceituais, romperam definitivamente com a segregação dicotômica entre o sujeito que aprende e o professor que ensina. Romperam também com o reducionismo que delimitava a sala de aula como o único espaço de aprendizagem. (COLELLO, 2003 p. 01.)

Sendo assim, educar uma criança com os preceitos defendidos pelos conceitos de Alfabetização e Letramento parte de novas metodologias que devem ser adotadas em sala de aula, em especial no nosso público alvo que são os alunos dos anos iniciais, no que diz respeito às práticas sociais associadas as escolares, onde as várias manifestações da língua escrita podem ser estudadas e compreendidas.

A leitura e a escrita trabalhadas nas escolas não devem apenas ser um instrumento de alfabetização, mas, sim, suporte para que, ao vivenciar a leitura, o indivíduo tenha um senso crítico aguçado, de modo a torná-lo sensível às questões do cotidiano que o norteiam.

As experiências ocorridas nos primeiros anos de escolarização trazem reflexos e consequências no processo de alfabetização como um todo ao longo da vida escolar, por isso a mesma precisa se impregnada de sentido na vida das crianças.

METODOLOGIA

Quanto à metodologia utilizada, o trabalho constitui-se de uma revisão de literatura de abordagem qualitativa. A escolha por este percurso metodológico se deu pelo interesse em refletir sobre a metodologia usada nas práticas alfabetizadoras para apropriação da língua materna pelas crianças em idades do ensino fundamental nos anos iniciais. Os trabalhos de revisão de literatura são definidos por Noronha e Ferreira (2000, p. 191) como:

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Esse tipo de trabalho oportuniza ao pesquisador fornece informações para contextualizar a extensão e significância do problema que se maneja. A mesma é entendida como o momento em que você situa seu trabalho em pesquisas existentes, relacionadas à temática, pois dessa forma se tem oportunidades de conhecer uma série de estudos prévios que servirão com ponto de partida para seu trabalho.

Deste modo, foi realizada uma busca por referências bibliográficas que já se debruçaram sobre o emprego dos métodos de alfabetizar e letrar nas salas de aulas de alfabetização, por meio da leitura de publicações de vários autores como Geraldi (1993), Moraes (1989) Soares (2003), Ferreiro (1995), Noronha e Ferreira (2000), Colello (2003), Ribeiro (2003), Leal (2005), Leite (2001), Kleimam (2005), Almeida (2010), Coelho e Pisione (2012) além de outros documentos conhecidos nacionalmente fundamentando assim nosso arcabouço teórico a exemplo de várias publicações do CELL - Centro de estudo em Educação e Linguagem da Universidade Federal de Pernambuco.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONSTRUTIVISMO E A PEDAGOGIA DO ALFABETIZAR E LETRAR

Entende-se por métodos as diferentes formas de proporcionar uma aprendizagem, uma ação planejada, tendo como base procedimento sistematizados; uma forma específica de organização dos conhecimentos. Pensar num método rígido sem pensar na criança e no seu modo de aprender e sem pensar a complexidade da cultura escrita na sociedade, representa um desconhecimento do que as pesquisas atuais trouxeram para a área da alfabetização.

Desde os estudos realizados acerca da Psicogênese da língua que diversos cursos de formação continuada foram oferecidos aos professores como possibilidade de repensar as práticas alfabetizadoras. Para desenvolver uma proposta construtivista, que considera as especificidades do processo de alfabetização e a importância do letramento, é necessário

trabalhar pela lógica de dois eixos: a leitura e a escrita de textos reais e significativos, visando à compreensão da linguagem que se emprega para escrever e o desenvolvimento de habilidades para uso social da leitura e da escrita; a exploração sistemática do sistema de escrita alfabética, de forma que o aluno entenda esse sistema de representação e construa conceitos.

Dessa forma, pode-se afirmar que o trabalho proposto pelas ideias da psicogênese da língua escrita no sentido de alfabetizar no contexto de uma cultura leitora como indicam os defensores do construtivismo concordam que o ensino da língua materna deve focalizar os usos dessas habilidades buscando permeia nas salas de alfabetização as práticas de letramento.

“Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”. (TFORUNI, 1995, p. 20).

No que diz respeito ao ensino voltado a criança dos anos iniciais, as crianças sentem muita dificuldade com a questão do aprender a ler, mas dependendo de como o educador vai trabalhar com sua turma tudo poderá ficar mais fácil, assim, através de uma reformulação de sua metodologia o professor estará diretamente contribuindo para os processos de ensino e aprendizagem.

Talvez a diretriz pedagógica mais importante no trabalho (dos professores), tanto na pré-escola quanto no ensino médio, seja a utilização da escrita verdadeira nas diversas atividades pedagógicas, isto é, a utilização da escrita, em sala, correspondendo às formas pelas quais ela é utilizada verdadeiramente nas práticas sociais. Nesta perspectiva, assume-se que o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização escolar é o texto: trecho falado ou escrito, caracterizado pela unidade de sentido que se estabelece numa determinada situação discursiva. (LEITE, p. 25, 2001)

Mais do que expor a oposição entre os conceitos de “alfabetização” e “letramento”, devemos enquanto educadores valorizar o impacto qualitativo que este conjunto de práticas sociais representa para o sujeito e são expostas através da junção e aplicabilidade dessas práticas em sala de aula, superando a dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita, adquirindo habilidades de ler e escrever bem como compreender o que está sendo representado.

Segundo Ferreiro (1979) a criança mesmo antes de entrar para escola já inicia o aprendizado da escrita quando participa de contexto sociais onde este código se apresenta. No entanto, sua maior constatação foi a que o sujeito que está em constante movimento de

aprendizado, é capaz de organizar e reorganizar seus esquemas assimiladores. Neste sentido, passa a se ter um novo olhar para os aspectos referentes ao como ensinar ressaltando o como se aprende.

Sendo assim, elucida que a construção da escrita acontece em uma ordem sistematizada de representação, e posteriormente, codificação da língua materna. Neste sentido o professor passa de transmissor para mediador do processo, com responsabilidade de organizar situações desafiadoras, estimular a troca de conhecimento e os avanços dos mesmos onde o processo de construção implica em reconstrução.

A leitura está sujeita as múltiplas faces da sociedade, seja de forma regional, intelectual ou os próprios hábitos advindos de outras civilizações, sendo este outro aspecto explorado na obra de Zilberman (2001) que é a questão da leitura como prática social, bem como não poderíamos esquecer-nos da questão histórica do livro didático e da leitura contida nele. Ao professor cabe pesquisar o desenvolvimento dos alunos e o conhecimento que estes e suas famílias têm sobre as práticas de escrita. Além disso, precisa observar como os alunos estão compreendendo os conteúdos ensinados, para avaliar as alterações que deve fazer em seu trabalho e no trabalho de alfabetização da escola.

Tomando como base a concepção da autora Ana Teberosky encontramos duas formas de se ensinar a leitura e a escrita, a primeira maneira chamaremos de Alfabetização Restringida e a segunda de Alfabetização Generalizada.

A Alfabetização Restringida geralmente vem associada à aprendizagem do ensino do código alfabético e a outra está mais associada aos usos sociais deste código. Na Alfabetização Restringida o ato de ler e escrever são concebidos como um processo de aquisição de habilidades para decifrar o código alfabético e a outra está mais associado aos usos sociais deste código. Já na Alfabetização Generalizada a escrita é vista como um ato inteligente, que consiste na compreensão da natureza desta escrita e de modos como é usada na nossa sociedade.

Prefere-se a Alfabetização Generalizada porque não espera-se formar apenas indivíduos que saibam decifrar o código. Almejamos formar sim indivíduos autônomos e participantes e que possam contribuir com seus questionamentos para uma sociedade mais humana, mais justa, mais consciente e mais culta.

Com a aplicação de métodos evolutivos a criança terá uma aprendizagem significativa. É preciso organizar o trabalho educativo na alfabetização com situações didáticas em que os

alunos experimentem, vivenciem a prática da leitura da escrita, da oralidade e da produção de texto. Para que as dificuldades sejam superadas na realidade educacional presente, será necessário rever uma série de barreiras, além da políticas públicas e práticas pedagógicas, os processos de avaliação, como exemplo podemos citar a falta de orientação e formação especializada dos educadores para essa modalidade de ensino. É necessário conhecer o desenvolvimento humano e suas relações com o processo de ensino aprendizagem, levando em conta como se dá este processo para cada aluno.

CONCLUSÃO

Na discussão teórica acerca dos métodos de alfabetização, visando traçar a trajetória que se inicia com as concepções baseadas nos métodos tradicionais como também às concepções de alfabetização que concebem a criança como um sujeito ativo do processo de construção da própria aprendizagem e as práticas sociais de uso da leitura e da escrita, vimos que as escolhas metodológicas baseiam-se em defesas de vários princípios.

Diante de tantas controvérsias sobre a alfabetização e a utilização de métodos para esse princípio o que podemos minuciosamente observar é que os eixos que mais se ressaltam nas disputas metodológicas são o da decodificação e o da compreensão. Através da Psicogênese da Língua Escrita, pode-se perceber que o alfabetizando constrói significados ao aprender a ler e escrever, ampliando seus conhecimentos sobre a linguagem.

Segundo Ângela Kleiman (2005), não basta alfabetizar, mas também letrar o aluno. Isso acontece quando a linguagem escrita seja através da produção de texto ou da leitura, começa a ser utilizada no dia-a-dia de maneira interativa, dinâmica e contextualizada, enfatizando o valor da sua prática social.

A alfabetização não deve ser diluída e inconclusa no processo de letramento, todavia os resultados das avaliações sobre leitura e interpretação de texto demonstram hoje, que, além da conduta exclusiva “construtivista”, a escola não conseguir alfabetizar na idade certa, muita das vezes acarretando desta maneira a consequência na incompetência também para letrar. Sabemos que outros fatores colaboram para o fracasso escolar, como a má distribuição da renda, o número excessivo de alunos por sala, a má formação do professor, intimamente ligada aos seus vencimentos irrisórios.

Devemos encontrar mecanismo de mudanças quanto as políticas públicas na formação dos professores alfabetizadores, utilizar novas tecnologias e investir em capacitação, atualização, remuneração e sensibilização envolvendo toda comunidade escolar, onde o professor poderá intervir nesse processo formador da leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Lúcia de Campos. O professor-leitor, sua identidade e sua práxis In: A formação do professor. KLEIMAN, Angela B. (org.). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

COLELLOR Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2012.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GERALDI, João Wanderley. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KLEIMAN, Angela B. Formação do professor: retrospectivas e perspectivas na pesquisa In: In: A formação do professor. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina Andrade. Metodologia científica. 5ª Ed. – São Paulo: Atlas. 1992.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges; MORAIS, Artur Gomes. Alfabetizar Letrando na EJA: Fundamentos Teóricos e Propostas Didáticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Alfabetização: em defesa da sistematização do trabalho pedagógico. In LEITE, Sérgio Antônio da Silva; COLLELO, Sílvia M. Gasparin; ARANTES, Valéria Amorim (org.). Alfabetização e Letramento: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2001.

MORAIS, Artur Gomes. Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2003

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1988.